cmp. 2.2.3. 182

Cartas de Paris

GEORGES CLEMENCEAU

Paris, 27 de Novembro de 1929

Culto á França

— "Fui sempre o mesmo..." — Feliz o homem que, no occaso da vida, tendo arrostado todos os embates da sorte e sabendo que a gloria lhe corôa a velhice, póde assim definir, candidamente, sua propria individualidade. E' um signal de que foi sincero no meio dos embustes que o cercaram, e um penhor de que deve realmente ao seu merito o renome que tem. Georges Clemenceau teve essa ventura.

Mas donde lhe veio a consciencia de que nunca mudara? De sua activa, lucida e constante dedicação á França. Era disso que elle tirava sua norma de conducta; e dahi a coherencia de sua actuação nos negocios publicos. Coherencia não raro tormentosa, mas sempre real, ainda quando feita á custa de apparentes variações. Commettendo certas inconsequencias de opinião que os vaivens da refrega social por vezes lhe impuzeram não tentava dissimulal-as; ao contrario, fazia timbre em confessal-as, pois julgava que a rectidão consistia em cantar a pallinodia, sempre que o serviço da França exigisse. No discurso com que inaugurou, em 1921, o monumento aos Mortos de Monilleron-en-Pareds, sua terra natal, Clemenceau disse isto: — "Fui sempre o mesmo. Certo, a vida muito me ensinou: succedeu-me verificar que algumas das minhas idéas não deviam permanecer no plano em que antes eu as collocara. Mas nunca deixei de reconhecer que nada se deve pôr acima do sentimento de fraternidade, entre todos os Francezes." — Um dos melhores retratos de Clemenceau foi assim traçado por elle mesmo, o retrato do patriota.

As palavras que acabo de citar, patenteiam, com effeito, não só o principal movel dos actos que formaram a trama de sua existencia, como tambem o supremo objectivo dos seus esforços nas lutas politicas que agitaram o seio da França durante estes ultimos sessenta annos. O amor da patria: tal foi o movel. E o objectivo: a união fraternal de todos os Francezes. Mas o typo de patriota realizado por Clemenceau — typo sobremodo complexo — apresenta outros aspectos, singularmente impressionantes.

Clemenceau foi patriota a maneira de Danton. Verdadeiro patriota: ardente e esclarecido. Jamais num e noutro desses homens o amor da Patria excluiu o amor da Humanidade. Estes sentimentos, longe de se contrariarem, se fortaleciam mutuamente, se conjugavam e completavam, nos corações daquelles dois grandes cidadãos. Ambos foram inflexiveis diante dos inimigos da França; e o foram com a alma serena de quem sabe está defendendo a causa da Humanidade. Em 5 de Novembro de 1918 (armisticio com a Austria), Clemenceau, da tribuna do Camara, ao saudar a victoria, envolveu no mesmo pensamento a França e a Humanidade: — "... a [illegible] profundamente commo[illegible] — representa uma concepção idealista da Humanidade que prevaleceu no mundo e faz com que não se possa servir á Humanidade procedendo-se com detrimento para a França."

O amor da patria foi sempre, em Clemenceau, uma força constructiva. O seu apego á França nunca tomou nenhuma dessas formas de degeneração do patriotismo que apenas se traduzem por estereis explosões de vangloria nacional ou de ridicula aversão ao estranjeiro. Assim foi que Clemenceau — um dos signatarios do celebre protesto dos Alsacianos e Lorenos contra a mutilação da França em 1871 — poude, um dia considerando a desgraça de Bismark — quando o Chanceller de Ferro, quasi moribundo, ainda gemia do piparote com que o novo Kaiser o precipitara do Capitolio á rocha Tarpéa — dizer: — "... Perdoemos, esqueçamos, e que a nossa commiseração seja leve a esse desgraçado. A hora da bondade nos solicita. Não temos tempo para odiar."

O tempo da França, Clemenceau queria que ella o empregasse na obra da restauração nacional, no esforço voltado incessantemente para o ideal de grandeza que, nas brumas do futuro, elle, o eterno sonhador, viva sempre illuminado pela aureola da grande desforra...

Tal é a imagem de Clemenceau — o perfil do patriota — que deve continuamente evocar quem quizer compreender o encadeamento das attitudes diversas por elle tomadas atravessando sessenta annos de historia da França. — "Fui sempre o mesmo..."

De 1841 a 1906

Com que tocante delicadeza, Georges Clemenceau — o velho "Tigre" — se comprazia, na intimidade, em recordar as nobres figuras dos seus antepassados! Seu pae, descendente de antiga familia burgueza, a que Luiz XIII concedera titulos de fidalguia, era um mysanthropo. Vandeano testo casmurro, cioso de sua independencia, vivia retirado em Muilleron-en-Pareds, allegando a existencia entre profundas leituras e passeios solitarios, a contemplar a natureza. Medico, não clinicava. *Aul* impolluto, sito é, republicano, fiel ás tradições da grande Revolução, não tolerava os *brancos*. Quando se deu o attentado de Orsini, foi preso e exilado. Georges Clemenceau dizia de seu pae: "E' aquelle a quem devo tudo."

A mãe de Clemenceau, Emma Gautereau — attestam os que a conheceram — era em extremo sympathica: muito graciosa, "sua querida Mamãe" alliava a firmeza á meiguice. Clemenceau falava com frequenvie e sempre com particular carinho de sua avó materna, senhora energica, da grei dos Huguenotes, essa excellente "Vovó Gauterau", que elle comparava á "mulher forte" do Livro dos Proverbios — segundo o testemunho dado á este respeito pelo Sr. Eugene Revelland, antigo senador francez. Testemunho de grande valia, graças ao qual se verifica que, não só do lado paterno, mas tambem do lado materno, Georges Clemenceau tinha de quem herdar as suas extraordinarias qualidades de caracter.

Tal a familia que produziu Clemenceau. A terra, onde elle primeiro respirou e hoje dorme o somno eterno, é a Vandéa — a lendaria e encantadora Vandéa. A casa onde nasceu, a 28 de Setembro de 1841, ás 9 1|2 horas da noite, é o que era ha oitenta e oito annos atrás. Quanto mais envelhecia, mais Clemenceau adorava o seu torrão natal: — "Son charme m'a pris, son charme m'a gardé", disse elle da *sua* Vandéa.

Ell-o em Nantes, o adolescente Clemenceau, estudante de lyceu. Terminou o curso preparatorio, em 1858, conquistando o primeiro premio de latim e de dissertação franceza. As predilecções literarias do menino annunciam o feitio intellectual que terá o homem.

Estudante de medicina em Paris, cedo se tornou conhecido, no *Quartier Latin*, por seu ardor social e sua brilhante intelligencia. Entrou para uma sociedade, cujo titulo era: "*Procede como pensas*". Collaborou nas ephemeras gazetas que prégavam a revolução, só reconheciam a lei da sciencia e tinham por fim a justiça. A justiça, preoccupação eterna de Clemenceau, um dos seus bellos fracos... Seu pae lhe dissera, ao partir para o exilio: "Trabalha". Georges Clemenceau, estudante, fundou um jornal: "O Trabalho", cujo programma era abrir aos jovens as estradas do progresso obstruidas pelos velhos. Foi duas vezes preso, por haver tomado parte em manifestações a favor da Republica. Na prisão de Mazas, fez relações com Blanqui. Os dois conspiraram contra o Imperio.

Em 1865, Clemenceau recebeu o grau de doutor em medicina. Sua these — Exposição das theorias professadas por Ch. Robin — é uma profissão de fé positivista. Clemenceau experimentara a influencia do seu amigo [illegible] discipulo de Audiffrent. Sabe-se que Pierre Lafitte e Georges Audiffrent foram os dois grandes discipulos de Augusto Comte.

Apenas formado, Clemenceau quiz viajar. Vae a Inglaterra. Vae aos Estados Unidos; e passa quatro annos em Nova York, onde conhece a sua futura mulher, D. Maria Eliza Plumner. Em 1870, installa-se em Montmartre. Desmorona-se o Imperio. Ao consultorio de Clemenceau affluem, com os doentes, os seus amigos politicos. No dia 4 de Setembro, Etienne Arago, nomeado *maire* de Paris, incumbe-o de ir, com Floquet e Engelhard, intimar o Senado a resignar os seus poderes. No palacio de Luxemburgo, os tres não encontraram nenhum senador.

Arago nomea Clemenceau *maire* de Montmartre. Clemenceau lança a sua primeira proclamação: — "Cidadãos, o inimigo está ás portas da cidade... Cada um conhece o seu dever. Seremos os filhos da Revolução. Inspiremo-nos no exemplos dos nossos paes de 1792; e, como elles, venceremos." O verbo de Georges Danton anima a penna de Georges Clemenceau.

Desillusão. A aguia allemã fluctua victoriosa sobre o solo da França. Clemenceau, é eleito Deputado de Paris á Assembléa de Bordeaux, convocada para votar o tratado de paz. A 1° de Março de 1871, a Assembléa vota o abandono da Alsacia-Lorena. Clemenceau junta a sua assignatura ás dos Alsacianos e Lorenos que fazem o famoso protesto, no qual reivindicam os direitos inprescriptiveis da França aos terrtorios então cedidos. A 5 de Março, Clemenceau está em Montmartre. Rebenta, na collina illustre, onde Clemenceau é o *maire*, a revolução da Communa.

Tragedia indescriptivel! Clemenceau quiz salvar Paris da horrivel carnificina. Tentou harmonizar os dois partidos oppostos. Esforço vão. Elle mesmo não sabe como escapou á morte, quando, a prégar a paz, se viu envolvido pela batalha das ruas. Tornou-se suspeito aos dois campos. Deixou passar o vendaval.

Conselheiro municipal, desde julho de 1871, foi eleito Presidente do Conselho Municipal de Paris em 19 de Novembro de 1875. O seu discurso de posse foi a affirmação do programma radical e um hymno a Paris. "Nenhuma cidade — disse elle — soffreu mais pelo direito, pela liberdade e pela justiça." Referia-se ao cerco de 1870; e exprimiu este conceito: "Só faltou então um chefe para salvar a patria." — Com tal experiencia, não é de admirar que Clemenceau, em 1914, ao rebentar a guerra, corresse á arena para perguntar á França onde estava o seu chefe.

A 20 de Fevereiro de 1876, Clemenceau é eleito por Paris para a Camara dos Deputados. Começa então sua brilhantissima carreira parlamentar. De successo em successo, elle se foi separando, pouco a pouco, do partido de Gambetta. Em 1880, era elle o chefe da extrema esquerda. Fundou então a *Justiça*. Mas nessa epoca elle escrevia pouco; a tribuna da Camara era o seu principal baluarte. O gabinete Waddington foi o primeiro que elle derribou, em Março de 1879.

Clemenceau não tardou a ser cognominado: o demolidor de ministerios. Adversario decidido da politica colonial, foi implacavel contra Jules Ferry. Quem tinha razão?... Não cabe neste artigo o exame desta grave questão. Faremos apenas algumas rapidas reflexões. Augusto Comte condemnou a politica colonial da França; e Clemenceau inspirou-se nos conselhos do grande philosopho para combater essa politica. Mas em 1870, a situação do mundo soffrera um abalo singularmente desastroso: a victoria da Allemanha determinara um movimento geral de retrogradação politica. A politica colosia tornou-se então para a França uma fatalidade que não lhe seria possivel modificar, sem abrir as portas da Africa á penetração militar da Allemanha. Se isto se tivesse dado, que teria sido feito da França? Basta esta consideração para se compreender a tenacidade de Jules Ferry na obra de expansão colonial da França. Clemenceau, em 1880 não viu o problema como Ferry. Mas, de 1906 a 1909, Clemenceau, presidente do conselho, defendeu Marrocos vigorosamente contra as tentativas de conquista feitas pela Allemanha...

O prestigio de Clemenceau crescia de dia para dia. Apparece na scena politica, o General Boulanger, com certa aureola de defensor da liberdade. E' uma razão poderosa para que Clemenceau sympathise com elle e contribua fortemente para que Freycinet lhe dê a pasta da guerra no gabinete de 28 de Dezembro de 1885. Cedo, porém, Clemenceau perde a fé em Boulanger. Mas pouco depois elles se reconciliam... Jules Grevy resigna a presidencia da Republica. Clemenceau e Boulanger alliam-se para impedir que Jules Ferry succedesse a Grevy. Eleito Sadi-Cornot á presidencia da Republica, Tirard constitue o novo ministerio e começa a luta contra o boulangismo. Clemenceau separa-se definitivamente de Boulanger. Quando este sobe á tribuna da Camara, em 4 de Junho de 1888, e lê o seu famoso programma Clemenceau estremece e, a seu turno, vôa á tribuna: — "Gloria aos paizes onde se fala! — exclama Clemenceau, de olhos fitos em Boulanger — Vergonha para os paizes onde os homens se calam! Se é o regime de discussão que pretendeis estigmatizar sob o nome de parlamentarismo,... é contra a Republica que ousaes levantar a mão."

Ninguem foi mais odiado pelos boulangistas que Clemenceau. O demolidor de ministerios se metamorphoseara em sustentaculo dos ministerios que combatiam o boulangismo. Ao movimento em favor do regime dictatorial, Clemenceau oppunha as tradições da Revolução Franceza. Em 29 de Janeiro de 1891, pronunciou o celebre discurso em que disse da grande Revolução: — "é um bloco."

Os inimigos de Clemenceau multiplicaram-se. Procuravam um ensejo para o anniquilar. Os escandalos provocados pela questão do Panamá forneceram-lhes esse ensejo. Paul Derouléde, baseando-se nos "papeis Norton", denunciou Clemenceau como agente da Inglaterra. Mas esses "papeis" eram falsos. Quem teria podido acreditar, sem a cegueira do odio, que Clemenceau se vendera á Inglaterra? Elle defendeu-se cabalmente. Mas nas eleições seguintes foi batido. E durante nove annos esteve afastado do Parlamento.

A conspiração contra Georges Clemenceau vencera. O orador ficou sem tribuna. Mas o jornalista tinha a *Justiça*. E o vencido da vespera começou logo, sem outra arma senão a sua penna fulgurante, a ganhar victorias sobre os vencedores. Appareceram então, de 1895 a 1903, varios livros de Clemenceau, entre os quaes o *Grand Pan*, em cujo prefacio relemos: "... Cumpre agir. A acção é o principio, a acção é o meio, a acção é o fim. A acção obstinada de cada homem no proveito de todos, a acção desinteressada, superior ás pueris gloriolas, ás remunerações dos sonhos de eternidade como ás desesperanças das batalhas perdidas ou da inelutavel morte, a acção em evolução de ideal, unica força e total virtude".

Nesse periodo, appareceu a *Aurora* (29 de Outubro de 1897), o jornal em que Clemenceau escrevia diariamente o artigo de fundo sobre a questão Dreyfus. A principio, Clemenceau duvidara da innocencia de Dreyfus, tendo publicado mesmo, em 1894, um artigo intitulado: "A traição de Dreyfus", artigo que o proprio autor classificou mais tarde de "cruel". Clemenceau fez desse artigo, á maneira de reparação, o prefacio dos que depois escreveu na *Aurora*, a favor de Dreyfus, e que formaram sete brilhantes volumes. Convencido por Scheurer-Kestner, Ranc, Bernard Lazare, de que se [illegible]mettera uma illegalidade, Clemenceau s[illegible] a campo, levantando a bandeira da revisão do processo. Foi elle quem deu o titulo "*[illegible]accuse!*" á famosa carta dirigida por Z[illegible] ao presidente da Republica. E foi ainda elle quem dirigiu a campanha no sentido [illegible] que o julgamento de Dreyfus, que havia [illegible] amnistiado, fosse revisto por novo con[illegible] de guerra. Obtido este resultado, Clemenceau deixou a *Aurora*, em Dezembro de 189[illegible]. Um anno depois (27 de Janeiro de 1901), Clemenceau fundava o *Bloco*, hebdomadario scintillante, politico e literario, cujo titulo foi tirado da sua celebre frase: "a Revolução [illegible] um bloco", frase que ainda hoje alguns não lhe perdoaram.

Em 6 de Abril [illegible] 1902, nove annos depois da derrota que soffrera na eleição de Deputado, Clemenceau foi eleito Senador. Durante os quatro annos que se seguiram, interveio em varios deb[illegible] de alta importancia, notadamente no [illegible] suscitou o projecto de separação das I[illegible] do Estado. Separação completa e li[illegible] para as Igrejas, pedia Clemenceau: liberdade para as Igrejas, como pouco antes pedira liberdade para o ensino. Vinte e cinco annos atraz, já elle proclamara, na Camara: — "Só ha verdadeira garantia na liberdade."

Clemenceau desenvolvia essa these, não só na tribuna do Senado, [illegible] tambem pelas columnas da *Aurora*, cuja direcção retomara em Junho de 1903, afim de defender a liberdade do ensino e discutir a questão da Alsacia-Lorena. Teve então o ensejo de fazer a sua notavel critica do socialismo, em vehementes polemicas com Jean Jaurés.

Em Março de 1906, subiu pela primeira vez ao poder, como Ministro do Interior, no Gabinete Sarrien. Declarou-se então a greve de Lens. Clemenceau foi tratar com os grevistas, em cujas reuniões publicas se apresentou: Declarou-lhes então que o direito de greve seria respeitado, mas que tambem o seria o direito ao trabalho. E assim fez. Pouco depois, em Junho de 1906, a Camara assistiu ao magnifico duello oratorio entre Clemenceau e Jaurés, sobre o socialismo. Clemenceau combateu a doutrina da luta de classes e fez nova apologia da liberdade, proclamando que o primeiro dever da sociedade é proteger os direitos do individuo.

Ao mesmo tempo que defendia a liberdade, todas as liberdades individuaes, Clemenceau exhortava os Francezes á fraternidade. A este respeito, é caracteristico o discurso que pronunciou, a 30 de Setembro de 1906, em Roche-sur-Yon, no seio da sua querida terra da Vandéa. Nessa bella oração, convidou os descendentes dos *Chouans* e os descendentes dos *Azues* a se unirem fraternalmente no mesmo amor da liberdade. Liberdade e fraternidade: eis o lemma de Clemenceau — "A liberdade de consciencia — disse elle — é o principio fundamental do partido republicano. A nossa gloria é tornar livres aquelles mesmos que nos amaldiçoam".

Tendo o Sr. Sarrien, em Outubro de 1906, pedido demissão da presidencia do Conselho, o presidente da Republica, Sr. Fallieres, incumbiu Clemenceau de organizar o novo gabinete. A 19, Clemenceau assumiu a chefia do governo, guardando para si a pasta do interior; o do exterior foi confiada ao Sr. Stéphen Pichon e [illegible] das finanças ao Sr. Caillaux, [illegible] outros ministerios os Srs. Doumergue, Briand, Barthou, Leygues, Thomson, Ruau, Guyot-Dessaigne, Milliées-Lacroix e Viviani. A este ultimo coube um ministerio novo, o ministerio do trabalho e da previdencia social, criado por Clemenceau, o adversario do socialismo, o "individualista", segundo se dizia.

Era a primeira vez que o *Tigre* se achava á testa do governo. Clemenceau tinha sessenta e cinco annos de idade. A França ia transpor uma das curvas mais perigosas da sua historia. A Europa, que digo? o mundo chegava ao momento critico em que o imperialismo allemão se decidira a impor-lhe nitidamente o dilemma: o jugo ou a guerra. Foi a mão resoluta de Clemenceau que, naquelle momento, imprimiu ao leme da politica franceza o vigoroso impulso graças ao qual poude ella emfim virar a prôa e tomar o rumo das decisões varonis que acabaram por salvar a civilização do sinistro eclipse de que esteve ameaçada em 1914. Isso fez Clemenceau quando, em Setembro de 1908, respondendo ao dilemma de Casablanca, declarou á Allemanha que a França não acceitava o jugo... Mas não antecipemos os acontecimentos.

O primeiro Ministerio Clemenceau

A obra realizada por Clemenceau, durante o seu primeiro governo, ainda não foi, que eu saiba, cabalmente apreciada. Graves successos assignalaram, tanto no interior como no exterior, a politica do gabinete de 19 de Outubro de 1906. Deante das emergencias mais inquietadoras, Clemenceau tomou sempre, com a agilidade de felino e a firmeza da rocha as attitudes capazes de garantirem no interior a liberdade do cidadão dentro dos limites da ordem publica e, no exterior, a dignidade da França sem ostentação de soberba.

Violentas paixões agitavam o povo francez. Clemenceau, atacado de um lado, pelos retrogrados, de outro pelos collectivistas revolucionarios, fazia frente a todos os assaltos; e, ao mesmo tempo que impunha sua vontade de ferro, exhortava com vehemencia, em nome de patria ameaçada, todos os Francezes á concordia. As facções irritavam-se. Os incidentes relacionados com a separação das Igrejas e do Estado acabaram por determinar, no fim do anno de 1906 a expulsão do representante da nunciatura em Paris, e o projecto de lei sobre o exercicio publico dos cultos foi motivo de discussões violentas no Parlamento, assim como a lei relativa á trasladação dos restos mortaes de Zola para o Pantheon. Em 1907, as interpelações parlamentares multiplicaram-se em torno de Clemenceau, notadamente a respeito de sua politica em relação ao movimento operario, — interpelações sobre o fechamento da Bolsa do trabalho, sobre as disposições governamentaes concernentes ao exercicio do direito syndical, sobre a greve dos electricistas, sobre a agitação dos viticultores no meio-dia da França... Como o governo, afim de impedir que cessasse a actividade social, mandara substituir por soldados os electricistas em greve, os socialistas arrastaram o Parlamento a debates tempestuosissimos: Jaurés e Clemenceau bateram-se de novo na tribuna da Camara, com igual ardor. Quanto á agitação dos viticultores, degenerou em tumultos sangrentos; a tropa interveio em Perpignam, em Narbona e sobretudo em Montpellier: houve mortos, soldados amotinaram-se. Esses levantes já iam tomando o vulto de uma insurreição, quando Clemenceau, tão habil quanto energico, resolveu tratar directamente com o Sr. Marcelin Albert, chefe dos viticultores sublevados, e, de tal modo, sem temor de desprestigio para a autoridade, preferindo a maneira branda á maneira forte, Clemenceau resolveu logo essa questão: foi bastante uma entrevista para que os dois chegassem ao entendimento que poz termo á luta fraticida.

Clemenceau affligia-se com a desordem que reinava em seu paiz. Fiel ao principio da liberdade de consciencia, elle soffria com os extravios de opiniões a que se deixavam levar num sentido, a maior parte do proletariado, seduzida por utopias dissolventes da sociedade e no sentido opposto a fracção da burguezia fascinada pelo antigo lustre de instituições irremediavelmente derruidas. tendencias divergentes na apparencia, mas, de facto, ambas hoje, cada uma a seu modo, tão anarchicas quanto retrogradas. Clemenceau reprovava quase tanto o nacionalismo cego e virulento quanto o desvairado antipatriotismo, e detestava igualmente o militarismo e o anti-militarismo, o pacifismo e o bellicismo, todas as formas, em summa, de hysteria social. Emquanto essas tendencias ficavam no dominio das ideas, elle as combatia, a golpe de logica, desferidos por seu verbo fulgurante e intemerato; mas se ellas se transformavam em actos perturbadores da ordem material, não hesitava em reprimil-os por meios legaes.

Dizia-se, pelo mundo inteiro, que a França estava em deliquescencia revolucionaria; havia uma nação poderosa, sua vizinha, que, a rir-se della, espreitava o momento de lhe saltar ao pescoço: todo paiz onde o patriotismo deperece, não tarda a ser uma presa facil. Imagina-se a angustia de um patriota como Clemenceau diante de tal situação. Elle exprimiu a tortura que lhe confrangia a alma, no magnifico discurso com que inaugurou, em 1907, o monumento erigido em Amiens á memoria de René Goblet.

"A grande dôr desta época — disse elle — é que seja hoje necessario, entre francezes, falar em prol da França, pleitear a causa da patria. Cumpre-nos, entretanto, soffrer esta humilhação, pois que francezes parricidas não tiveram horror de annunciar, em sua demencia, que escolheriam a hora em que a existencia da patria estivesse em perigo, para se lançarem, de armas nas mãos contra os seus compatriotas e ajudarem o estrangeiro a anniquillar o nosso paiz natal. Tal é a repugnante precisão com que acaba de se apresentar a nova doutrina, se tal nome se póde dr a tão monstruoso delirio..." Clemenceau entôa, em seguida, um hymno glorioso á França — "a França de hontem, de hoje, de amanhã, a França dos nossos altivos avós, de sempre..." — e accrescenta: — "Tomamos os nossos paes e os nossos filhos como testemunhas: não toleraremos que esta grande e nobre França, cuja sorte nos foi confiada, a todos nós, em horas terriveis, soffra de mãos sceleradas irreparavel affronta. Havemos de proteger, guardar, amar a nossa França, esforçando-nos por deixal-a maior, mais alta, mais bella, ás gerações futuras, cujo dever será engrandecel-a sempre em belleza".

As inquietações de Clemenceau, no tocante á politica internacional, eram tanto maiores quanto elle via Inglaterra obstinar-se na caduca politica do "esplendido isolamento" e, ao mesmo tempo, descuidar-se de desenvolver a sua força naval, a que a Allemanha estava rapidamente procurando igualar a sua. A este proposito, Clemenceau não cessava de fazer sentir ao *Foreingn Office* que o governo britannico estava incorrendo no mesmo erro commettido na França por Delcassé. Era a este que Clemenceau attribuia a principal responsabilidade do estado de fraqueza militar em que a França se encontrava, porquanto Delcassé não cuidara, durante o longo periodo (de 1898 a 1905) em que fôra o todo-poderoso Ministro de Estrangeiros do seu paiz, de lhe dar a marinha e o exercito indispensaveis á politica que se lhe impunha. Tal foi, na verdade, — notemos de passagem, com o respeito devido á memoria deste notavel estadista, de ordinario penetrante, bem avisado, irrepreensivel mesmo em seus actos, — tal foi o mais indesculpavel dos dois unicos erros de Delcassé, quando ministro (o erro acima assignalado e o de não haver impedido a Russia de se empenhar na guerra com o Japão, guerra que teria por effeito, como teve, manietar a França no perigoso chaos da politica européa).

Em vão Clemenceau procurava, com a franqueza que lhe era habitual e com a autoridade que lhe outorgava a sua velha e constante anglophilia, chamar o governo britannico á realidade, á evidente realidade da ameaça que a Allemanha estava fazendo á supremacia maritima da Inglaterra. Os dirigentes da Grã Bretanha não attendiam á voz da razão; furtavam-se a escutal-a, refugiando-se em ôcos pretextos de vago humanitarismo com que mal encobriam a cega politica do basculo egoista que se julgavam ainda capazes de manter suspenso, sobre o continente europeu, especialmente entre a França e a Allemanha. De facto, a Inglaterra estava — segundo o conceito pittoresco de inglezes altamente respeitaveis — no mundo da lua. — "*England's political intelligence runs to horns*" — disse mais de uma vez Georges Meredith ao autor do interessante livro *Problems of Power*, o Sr. Morton Fullerton, conforme o testemunho deste.

Ninguem mostrara aos inglezes com tão nitida precisão e rude franqueza como Clemenceau que a politica de soberbo insulamento tra, desde muito, pelo menos desde a victoria da Allemanha sobre a França em 1871, anachronica miragem cujas apparencias seductoras reservavam á Inglaterra irreparaveis catastrophes. Advertencia inutil. Não obstancia a arrogancia crescente da politica allemã e sem embargos do accordo colonial franco-britannico de 8 de Abril de 1904, a Inglaterra continuava mergulhada na estranha inercia do seu isolamento, que, a bem dizer, já não tinha nada de esplendido. Um anno depois da assignatura do referido accordo franco-britannico, isto é, a 31 de Março de 1905, Guilherme II desembarcava em Tanger e saudava o Sultão como um "soberano independente". O imperador da Allemanha mostrava assim que importancia ligava áquelle accordo; e assim procedia dez dias após a adopção da lei franceza que reduzira a dois annos a duração do serviço militar. Como responderam a França e a Inglaterra a esse gesto de Guilherme II? A Inglaterra, pelo silencio; a França, pela quéda de Delcassé, sacrificado, a 6 de Junho, "por seus proprios collegas do Ministerio, ao Moloch allemão". Seis mezes depois, em 16 de Janeiro de 1906, se reunia, conforme á logica natural dos factos de então, a conferencia da Algesiras — essa grande humilhação, segundo Clemenceau, inflingida á França.

Pouco antes de haver Clemenceau assumido a chefia do governo francez, o principe de Bulow, chanceller do Imperio allemão, declarara publicamente, á maneira bismarkiana, que "o unico fim da sua politica era completar o Entendimento cordial entre a Inglaterra e a França com um entendimento não menos cordial entre a Allemanha e a Inglaterra".

Em seguida, por occasião do encontro entre Eduardo VII e Guilherme II, em Friedrichskoff (Setembro de 1906), a *Deustsche Revue* publicava o artigo sensacional, inspirado pelo chanceller allemão, no qual o autor dirigia á Grã-Bretanha esta ameaçadora advertencia: — "Aos olhos da Allemanha, só cabe á Inglaterra optar entre uma politica de contrapeso anglo-francez, que póde facilmente tornar-se desastrosa para esta, e a politica que lhe permitta estender o circulo de suas amizades até a Allemanha". — Sir Eduard Grey não se deu por achado; mas o *Times* notou que a Inglaterra não alterara as suas relações com a França "nem por addição, nem por subtracção". E o chanceller da Allemanha concluiu disso que lhe cumpria empenhar-se, com maior atrevimento do que nunca, em destruir o "Entendimento Cordial".

Ora, exactamente quando o governo de Guilherme II resolvia accentuar ainda mais, através das astuciosas blandicias de sua politica internacional a tactica da intimidação, Georges Clemenceau assumia o governo da França (Outubro, 1906), visando, entre os seus objectivos, ao de converter o "Entendimento Cordial" em um tratado militar franco-britannico de alliança defensiva. Como quasi todos os seus compatriotas, Clemenceau reconhecia francamente que a França precisava então da Grã-Bretanha; mas o orgulho britannico impedia os inglezes de perceberem, salvo notaveis excepções, que a Grã-Bretanha, como todo mundo estava já perfeitamente vendo, precisava ainda muito mais da França.

A situação da Europa aggravava-se todos os dias. A admiravel expansão commercial da Allemanha por todos os cantos da terra excitara a soberba do militarismo que dominava essa grande nação. Embriagado pelo successo que bafejava a actividade dos allemães na concorrencia economica internacional, o militarismo prussiano queria mais, muito mais, que a conquista pacifica dos mercados estranjeiros, queria ter a hegemonia politica sobre o mundo. Para isto, proseguia, com febril tenacidade, no esforço tendente a realizar duas condições indispensaveis: subjugar a Inglaterra, arrancando-lhe a supremacia maritima; e anniquillar a França, tomando-lhe o imperio colonial que restituira a esta, depois da derrota de 1871, as regalias de grande potencia.

Desde que Bismark conseguira, na Conferencia de Berlim para a "partilha da Africa" (15 Nov. 184-26 Fev. 1885), fundar a potencia colonial allemã (Togo, Camarus, Sudoeste Africano), nunca mais a Allemanha perdera nenhuma occasião de affirmar imperiosamente a sua vontade nos concertos europeus e de estender a sua influencia por toda parte. Em 1907, as questões criadas em Marrocos pelas machinações dos agentes de Berlim (tentativas de levante contra a França e effeitos da campanha dirigida pela Wilhelmstrasse na imprensa allemã contra a Legião Estranjeira, que contava em suas fileiras muitos allemães) repercutiam gravemente na Europa. O chanceller da Allemanha executava, com rigor, a politica de intimidação mediante a qual esperava separar a Inglaterra da França; o chefe do governo francez, Clemenceau, diligenciava, por seu lado, consolidar, ampliar e reforçar com um accordo militar defensivo o "Entendimento" franco-britannico. Neste intento, Clemenceau foi a Marienbad, em Agosto daquelle anno (1907), encontrar-se com o Rei Eduardo VII, que acabava de ter conversações com Gilherme II e Francisco José. O resultado da entrevista de Marienbad pareceu, um instante, promissor de salutar mudança no estado das relações européas; acreditou-se, em Paris, que as questões marroquinas iam ser emfim resolvidas amigavelmente. Illusão fugaz.

A 24 de Janeiro de 1908, Clemenceau era interpellado no Parlamento sobre os factos que se passavam em Casablanca. A resposta de Clemenceau foi um masculo toque de rebate. Toda a Camara o applaudiu. Dias depois, em 11 de Fevereiro, inaugurando o monumento á memoria de Scheurer-Kestner, no jardim do Luxemburgo, Clemenceau referiu-se ao que dissera da tribuna parlamentar, nos seguintes termos: — "Sem me esquecer da responsabilidade ligada á minha funcção, pude falar, sem constrangimento, de acontecimentos que se incorporaram á Historia, e proclamar sentimentos que não poderiamos repudiar, nem mesmo dissimular, sem nos aviltarmos." — E reivindicou nitidamente o direito que cabia á França de não se inclinar, mesmo depois de mais de um terço de seculo, diante do acto de brutalidade que lhe arrebatara duas provincias. Citemos o trecho desse discurso patriotico o qual Clemenceau, alludindo á celebre recommendação da Gambetta, depois resumida na expressão proverbial: "n'en parler jamais, y penser toujours", exprimiu a convicção de que já era tempo de se renunciar, na França, mesmo a esse edificante silencio:

— "Quando rendemos homenagem — disse elle — a um Alsaciano cuja nobreza honrou a França, que homens seriamos nós, se fossemos capazes de ignorar a Alsacia e a Lorena? Isto, ninguem tem o direito de nol-o pedir. Sem duvida, já se disse que o silencio em tal caso é a melhor salvaguarda de uma austera dignidade. Comtudo, antes me parece que só deveriamos achar a nossa dignidade verdadeiramente offendida se alguem nos visse amordaçados por nossas proprias mãos, quando podemos, sem temer interpretações malevolas, dar livre curso aos sentimentos que este dia reanima em nós."

O governo allemão persistia na politica de fomentar odios contra a França. Queria humilhal-a estrondosamente, havendo escolhido, para isto, o terreno propicio de Marrocos, onde não cessava de semear germes de cizania. Como arrastar a França a um conflicto que a deixasse em posição desairosa? O consul da Allemanha em Casablanca foi incumbido de agir nesse sentido. Conluiou-se com soldados allemães da Legião Estranjeira; facilitou-lhes os meios de desertarem e collocou-os sob a proteção da aguia imperial. O governo do Kaiser, confiante no argumento de sua "polvora secca", manifestou ruidosamente o proposito de subtrahir esses desertores á acção da justiça franceza. Armadilha perigosa. Ceder então á semelhante exigencia da sua aggressiva rival seria estender irrevogavelmente o pescoço ao tacão da bota prussiana. A França não estava preparada para a guerra, mas tinha animo para repellir a vassalagem. Sereno e resoluto, Clemenceau teve, diante dessa provocação, a energica sabedoria com que Von Bulow não contava. O velho "Tigre" era um fino diplomata, fino e intrepido. Secundado por Stéphen Pichon, seu Ministro do Exterior, soube virar o feitiço contra o feiticeiro. A França acceitou o desafio da Allemanha. A Allemanha recuou.

Tal foi o acontecimento que marcou, em Setembro de 1908, nova éra na politica franceza. Clemenceau havia, no conflicto de Casablanca, vingado Delcassé da affronta de Tanger. Desde a resposta de Casablanca, não obstante certas concessões feitas á Allemanha, depois que Clemenceau se retirara do governo, a França não deixou mais de significar ao imperialismo germanico que, embora ella nunca tivesse desejado nem desejasse a guerra, jamais acceitaria "a paz a qualquer preço". Além disso, os francezes não se abstiveram mais, depois do exemplo dado por Clemenceau, de *falar* naquillo em que todos *pensavam*. A França não perdeu mais nenhum ensejo de affirmar, com o olhar sempre voltado para a Alsacia e a Lorena, que *não se esquecia*...

Folhetim do "Jornal do Commercio"

A SEMANA

DIA A DIA

Anno Velho e Anno Novo

A cara do Anno Velho, que não é lá muito bonita, pois a isso se oppõem as rugas da decrepitude e as carêtas da agonia — mais feia fica ainda porque, a esverdeia o rancor da inveja pelo substituto legal.

Morrer não seria grande horror para o desgraçado, se com elle tudo acabasse tambem.

Mas o peor da tragedia é que os tempos continuam. O anno, que estica a canela, tem successor.

Afogado em trevas, vê luzir ao longe o crepusculo de um dia que não é mais seu e por isso a raiva do moribundo se volta contra o que surge, robusto e amavel, vendendo saude e dando esperanças.

Qual o crime do recemnascido, que não fez nada ainda?

Não fez nada? Nasceu e já é muito.

Além disso vem alegremente empunhar o sceptro cahido das mãos tremulas do outro.

E' natural que este, menos já do que sombra, esgote o seu resto de forças num gesto de maldição.

⁂

Se fosse só isso, o mal talvez fosse supportavel.

Mas o diabo é que o defunto não se vinga sómente do anno novo, atirando-lhe pragas. Deixa-lhe tambem a herança e isso é que são ellas.

Não me consta que nenhum anno velho tenha resolvido todas as questões que iniciou. Fica quasi sempre um resto, e ás vezes quasi tudo para o que vem depois.

O anno que abriu a grande guerra não foi o que ouviu o tiro final. O maior da obra, o mais duro de tarefa coube a pobres diabos não responsaveis pelo conflicto.

E' isso. Um anno accende a mecha da bomba que vae estourar nas mãos de outro.

Um anno arranja o namoro, sonhos, promessas, juras e beijos.

O immediato arranja o casorio: lua de mel, flores de laranjeira, (quando ha) abraços,, amores, caricias e já o azedume de arrependimento.

O terceiro anno desarranja tudo: adulterio, simples ou composto de faniquitos, sopapos, talvez tiros de revólver, e desquite.

⁂

Não sei que diplomata guardava em gaveta especial a papelada dos negocios mais complicados, para os quaes não achava solução.

"São coisas que o tempo resolverá", dizia.

O annos costumam fazer isso; e dahi a surpresa desagradavel de muito anno novo, ao tomar conta da mesa de trabalho que vagou.

Quantas maçadas ali dormem á sua espera. Quantas difficuldades que nem sempre pode passar adiante.

O diabo do velho, deixou-lhe isso para roer. E o coitado tem que dar decisão a casos para o que talvez não haja desenlace feliz.

Então o misero, o desageitado, que não tinha nada com a coisa, vae pagar por causa della.

Os homens que o receberam com flores, liquidam-no com pedras.

Não era esse o Anno Bom dos meus sonhos Surpiram os desilludidos.

O anno que ainda se acha em cueiros ha de, provavelmente, encontrar atrapalhações na vida por causa do que acaba de vestir a mortalha.

Encontrará situações irremediaveis, e como lhe cumpre dizer a ultima palavra, e não descobre meios de lhes dar geito, soffrerá as consequencias das culpas alheias.

Mas por sua vez preparará coisas futuras muito ruins, pedras funestas para as topadas fataes que dará 1931.

⁂

No alvoroço com que se recebe o anno novo, o descontentamento pelo passado junta-se á curiosidade acerca do futuro.

Não contem commigo, nem para figurar entre os queixosos do passado, nem para descobrir os segredos do anno recem-chegado.

Não devo ao fallecido nem o mesmo dinheiro, quanto mais a sorte grande da loteria de Hespanha.

Devo-lhe, porém, doze mezes socegados, sem altas nem baixas, estrada lisa, e plana, com a ligeira inclinação de todos os caminhos da existencia, que, sem excepção, descem para o valle da morte.

Ha, bem sei, melhor do que isso; mas ha ambem peior: ribanceiras e precipicios, cafundos terriveis. Não os vi no meu percurso. A viagem foi boa, e não deixou de ser divertida.

Dou-me, á vista disso, por feliz. Talvez me julguem facil de contentar. E' possivel. Sou como aquelle para quem

De malheurs evités le bonheur se compose.

A felicidade será, para outros, um sentimento completo de venturas sem par. Se uma lhe falta, la se vae por agua abaixo a alegria de viver.

Não é querer muito? Não é irritar com exigencias absurdas a sorte, que não é mãe de ninguem e tem sido madastra de tanta gente?

O *quantum satis* daquelle verso já contenta quem sabe ser isto aqui o valle de lagrimas e não a chacara das delicias. Desde que no referido valle não tive motivo de chorar, considero-me ditoso. Agradeço, pois, ao anno velho a sua benevolencia, e peço ao novo que me trate do mesmo modo, mas se quizer ser mais generoso, não lhe ponho embargos.

A minha ração de felicidade, toda feita de males evitados, ficaria sem duvida mais gostosa com o condimento de um bem positivo.

Tanto melhor; que venha. Não sou pobre soberbo. Mas tambem não sou pobre pedinchão a importunar os ceos com requerimentos rogando accrescimo de beneficios. O que tive em 1929 afasta-me dos seus maldizentes.

⁂

Que é que terei em 1930? Não sei nem quero saber. Se for daquillo que ha de ser evitado para que sejamos felizes venha, se não ha outro remedio, quando a hora for chegada. Isso de adivinhar coisas desagradaveis, faz soffer de vespera. Não é insensato antecipar aborrecimentos que convem retardar se forem inevitaveis? Se me annunciaram uma dor de dente futura, parece que o queixo começa a doer-me desde já.

Mas se em vez de uma dor de dente de todos os diabos, foi a coisa uma sorte de mil contos?

Ainda neste caso, nada de antecipações. Não gastemos desde já o prazer que ainda está por vir. Não lhe tiremos a frescura da novidade e a delicia da surpresa.

Mas, infelizmente neste mundo as dores de dente são mais communs que as sortes grandes, e por isso prophetisar é desgotar.

Não me vae o officio de desmancha prazeres e de assustador de gente credula.

Quem quizer vaticinios procure cartomantes, sybillas, e astrologos.

Não costumo bater á porta delles; mas lhes presto attenção, quando falam pelos jornaes.

Não porque no que dizem. Muito fpelo contrario: Tudo quanto é pavoroso nos seus presagios me entretem e não me assusta; e não me assusta por estar farto de assistir aos desastres de arte de conhecer o futuro.

⁂

Quem escreve estas linhas já figurou no obituario de uma prophecia para não sei que anno deste seculo.

Acreditei na historia e durante os trezentos e sessenta e cinco dias do anno do meu fallecimento, ao acordar tinha sempre o cuidado de apalpar-me, perguntando a mim mesmo: "Já morrestes, Constancio?"

Como não sou sceptico, não poderia dar a resposta que um epitaphio ironico emprestou ao pae dos scepticos: "Estás morto, Phyrrho? — Não sei".

Eu sabia do meu estado, e respondia: "Por ora, vou vivendo". Vivia, porém, meio inquieto, e a tranquillidade só me veio alguns minutos depois de haver soado a decima segunda badalada de meia noite de 31 de Dezembro.

Respirei desopresso, algum tempo depois de romper o anno. Por precaução, dera á morte algum tempo de tolerancia. Podia já estar no caminho, e tardar por qualquer circumstancia: um atrazo de bond por exemplo. Foi isso ha alguns annos. Se vier a morrer agora já não morrerei daquella prophecia, que tinha prazo improrogavel. Aquella sentença de morte, curou-me do susto de morrer de praga de astrologo. O que me matou, já está enterrado; mas se outro se lembrar de dar cabo de meus dias, com historias de estrellas vagabundas, encontra-me impassivel. Não mais apalparei os meus ossos, para ver se esfriaram. Não perguntarei ao coração se bate ainda, e aos bofes se continuam a respirar.

Coisas dessas só se fazem uma vez na vida.

⁂

Não quero dizer com isso que os adivinhos não adivinham nunca.

Advinham, sim, senhor. Podem acertar quanto á morte de um homem. Ninguem é immortal e se todos os annos prenunciarem o fallecimento de alguem o facto se confirmará mais dia menos dia.

A celebre — e talvez já esquecida Madame de Thébes — durante alguns annos annunciava no seu almanack, de capa vermelha, em que sobre-sahia um elephante branco — a morte do imperador da Austria.

Mas Francisco José presistia em viver, damnando com a sua teimosia a illustre senhora. Ella, porém, não dava parte de fraca e continuava a matar annualmente o velho, sempre vivo.

Fez bem em continuar nos presagios. Afinal a agua molle do vaticinio furou a pedra dura da imperial carcassa. Francisco José morreu. Mas Mme. de Thebes não pode gozar muito o seu triumpho. Morreu pouco depois da sua victima.

O esforço de derrubar o teimoso levou-a á sepultura. — C.

Em 3 de Janeiro de 1909, o eleitorado francez deu um testemunho de sua confiança na politica de Clemenceau, assegurando-lhe a victoria, no pleito senatorial daquelle dia. Mas, no Parlamento, os adversarios do "Tigre" multiplicavam as investidas para lhe tomarem o poder. O governo estava a braços com graves questões de politica interior, taes como: a das incompatibilidades parlamentares, a dos conflictos entre a liberdade individual e o direito de greve, a da recusa do direito de syndicatos aos funccionarios, a do imposto sobre a renda, a da aposentadoria do pessoal das estradas de ferro, a da situação da marinha... No tocante á politica exterior, a situação nada tinha de tranquillizadora; sem embargo do accordo assignado a 9 de Fevereiro de 1909, entre a França e a Allemanha, sobre a questão marroquina, os agentes da Allemanha não cessavam de promover agitações em Marrocos.

No dia 20 de Julho, a commissão parlamentar de inquerito sobre o estado da marinha franceza apresentou suas conclusões á Camara. Travou-se ainda discussão entre Delcassé, presidente dessa commissão, e o presidente do Conselho de Ministros; foi então que Clemenceau disse a Delcassé que a politica deste, quando Ministro de Estrangeiros, havia levado a França a Algeciras: "a maior humilhação que ella soffrera desde vinte annos atrás". No voto de confiança relativo a esta discussão, o gabinete Clemenceau cahiu. A 24 de Julho, estava no poder o Ministerio Briand.

Clemenceau cahira. Mas sua obra ficava. A Europa começava a perceber que a alma antiga da França, ao contrario do que muitos diziam, não se abastardara através das divisões intestinas que lhes haviam feito suppôr se achava esse paiz em dissolução. A França, de cabeça erguida, olhos fitos na Allemanha, sustentava o olhar que esta, sobrecenho carregado, não tirava della. E nada mais desviaria a França do caminho que Clemenceau lhe abrira, entre as duas pontas do dilemma — o jugo ou a guerra — que o militarismo imperialista dominante na Allemanha estava impondo ao mundo: caminho traçado no rumo da paz, mas da paz sem desdoiro; caminho que não levaria a França a acceitar o jugo... Tal foi a orientação dada por Clemenceau á politica da França. E tal foi, o serviço inestimavel que o velho "Tigre" prestara durante o seu primeiro governo, á causa da liberdade, não só da França, mas de todos os povos.

A acção decisiva

Tendo deixado a presidencia do Conselho, Clemenceau voltou a occupar a cadeira que tinha no Senado, abstendo-se, entretanto, de participar activamente nos trabalhos parlamentares. Houve quem dissesse então que, por despeito, elle se tinha, como Achilles, retirado orgulhosamente para sua tenda. Certo, durante cerca de dois annos e meio, Clemenceau, estadista, recolheu-se ao silencio, mas como Enéas se recolhera em seu escudo: observando os acontecimentos, com a paciencia felina do lutador avesso ás estereis agitações e prompto em correr á liça no momento opportuno.

Foi nessa época que teve occasião de visitar a America do Sul. Embarcou para lá em 20 de Junho de 1910, levado pelo vivo desejo de conhecer "povos que, mais do que quaesquer outros, procedem da nossa cultura (cultura da França)" e que podiam muita vez — considerava elle — offerecer aos Francezes "um bom ensinamento". No livro que deixou sobre essa viagem, deu precioso testemunho do alto conceito em que ficou tendo o Brasil. E Clemenceau não era um lisongeiro. Dahi o alto valor documentario das brilhantes paginas que dedicou ao nosso paiz. A sympathia com que se exprimiu acerca da nossa boa gente e da nossa maravilhosa terra não pode deixar de commover nenhum coração brasileiro, porque nella se encontra o accento inconfundivel da sinceridade. Quem quizer medir a estima que o Brasil inspirava ao "Tigre", leia este trecho das suas "Notas de Viagem": — "C'est de la France encore que je vais retrouver au Brésil, ainsi que je peux m'en convaincre au cours de la conversation avec M. Bocayuva (então vice-presidente do Senado), dans le traject du quai Pharoux a la belle résidence que le gouvernement me fait l'honneur de mettre à ma disposition". Escripto pela penna de um homem como Clemenceau, que adorava a França religiosamente, é sobremodo honroso para nós o elogio contido naquellas palavras: "c'est de la France encore que je vais retrouver au Brésil".

Foi só em fins de 1911 que Clemenceau entendeu haver chegado o momento de intervir publicamente nos negocios politicos. Fôra submettido ao Senado o projecto de convenio entre a França e a Allemanha para a demarcação de suas possessões equatoriaes. Clemenceau combateu energicamente esse projecto, primeiro na commissão senatorial das relações exteriores, depois na tribuna do Senado. Naquella commissão, atacou o ministerio Caillaux a proposito do conselho e o ministro de estrangeiros, Sr. de Selves, conflicto do qual resultou logo a demissão deste e depois a do Sr. Caillaux, que foi substituido, em Janeiro de 1912, pelo Sr. Raymond Poincaré. Na tribuna do Senado, Clemenceau tivera então palavras que foram verdadeiros toques de alarma. Analysando o projecto de convenção franco-allemã, disse que fôra redigido "sob o canhão de Agadir" e qualificou-o de "monstro diplomatico", de "novo cavallo de Troia", offerecido "á paz fremente do retinir das armas". E declarou: — "A Allemanha crê que a logica da victoria está na dominação, ao passo que nós não acceitamos que a logica da nossa derrota seja a vassalagem... Fomos vencidos, mas não subjugados. Os vivos serão fieis aos mortos. Temos ainda que dizer e que fazer alguma coisa no mundo".

Dahi em diante, Clemenceau não sahiu mais da arena. Combateu ardentemente o projecto de reforma eleitoral, defendido pelo ministerio. Quando foi da eleição á presidencia da Republica, lançou e defendeu a candidatura do Sr. Pams contra a do Sr. Poincaré. Eleito este em Janeiro de 1913, Clemenceau proseguiu na campanha contra o projecto de lei sobre a representação proporcional, que lhe fez cahir no Senado, derrubando assim o gabinete Briand. Subiu então á presidencia do conselho o Sr. Luiz Barthou.

O drama europeu approximava-se do desenlace. Em Fevereiro de 1913, o barão de Broqueville, presidente do Conselho e ministro da guerra da Belgica, defendendo o projecto de lei militar que elevava as forças mobilizaveis a 340.000 homens, declarou, perante a Commissão do orçamento da Camara, que a Belgica se achava sobre "um vulcão". Nesse mesmo mez de Fevereiro, a 20, o Presidente Poincaré dirigia uma mensagem ao Parlamento francez, da qual extrahimos as seguintes linhas: — "Só é possivel a um povo ser efficazmente pacifico, se estiver sempre prompto para a guerra. Uma França diminuida, uma França exposta, por culpa sua, a desafios e a humilhações não seria mais França... As nossas palavras de paz e de humanidade terão tanto maiores probabilidades de serem ouvidas, quanto melhor armados estivermos e mais considerados formos". Tal era o estado de coisas a que a politica de intimidação furiosamente desenvolvida pelo governo da Allemanha arrastara a Europa.

Nada, pois, mais natural, diante de tão inquietadora tensão politica das relações internacionaes, que o programma do Ministerio Barthou se resumisse, por assim dizer, num projecto de lei: restabelecimento do serviço militar de tres annos na França. Era a unica resposta que a França podia dar á formidavel preparação militar da Allemanha, que acabava de reforçar ainda mais o seu exercito e sua marinha. Clemenceau, que havia defendido, antes, a reducção do serviço militar a dois annos, não hesitou em apoiar então vigorosamente o restabelecimento do serviço de tres annos. Neste sentido fez ardente campanha no seu novo jornal, "O Homem livre", cujo primeiro numero appareceu em 5 de Maio de 1913.

Ainda uma vez, mudando de opinião, Clemenceau era coherente: acima de tudo a logica do bem servir a França. Gravissimo perigo estava ameaçando a patria. A inconsequencia seria, pois, aos olhos de Clemenceau, manter a lei de dois annos, que não correspondia mais ás necessidades prementes da defesa nacional. Judiciosas e bellas paginas, as que escreveu, no "Homem livre", sobre a organização militar do paiz! Com que fulgores de indignação elle açoitou os visionarios que, como gostava de dizer, "balem á paz"! No pavor desses carneiros do pacifismo, o "Tigre" enxergou muita vez a perfidia. Entre os ruminantes melifluos e o patriota avisado, a sensatez da França não balançou. A acção jornalistica e parlamentar de Clemenceau contribuiu poderosamente para a victoria do projecto de lei Barthou, em Agosto de 1913. E assim teve a França o exercito com que Joffre poude, exactamente um anno depois, fazer frente á invasão allemã e salvar, no Marne, a humanidade do tenebroso regresso que a civilização correu lá o risco de soffrer.

Está bem viva ainda na memoria dos nossos contemporaneos a extraordinaria actuação de Clemenceau nos tragicos acontecimentos da grande guerra. Primeiro como jornalista, depois como chefe nacional da resistencia, o illustre ancião foi o mais infatigavel e fogoso dos lutadores, naquella sinistra epopéa. Em 5 de Agosto de 1914, o Homem livre dizia: — "Morrer não é nada. Cumpre vencer". Após a victoria do Marne, com a qual Joffre ganhara a guerra, durasse o tempo que durasse, mas da qual não lhe foi possivel tirar estrategicamente o proveito que essa victoria comportava, Clemenceau escreveu: — "Pedimos um Governo de aço".

O "Homem Livre" suspenso por ordem do Governo, foi immediatamente substituido pelo "Homem Encadeado", no qual Clemenceau proseguiu em sua campanha patriotica. No campo de batalha, a guerra tomara essa forma deprimente de estabilização das posições na luta ao abrigo das trincheiras. Os Alliados fabricavam as armas e munições de que a imprevidencia pacifista não quizera cogitar antes da explosão de 1914. Joffre foi obrigado a empregar a tactica da usura, seguida além pelos commandantes em chefe que lhe succederam. Mas essa tactica tem dois gumes. O que se volta contra quem a emprega, começava a fazer sentir gravemente os seus effeitos entre os Francezes no verão de 1917. Clemenceau indignou-se; e, a 22 de Julho de 1917, subiu á tribuna parlamentar, de onde disse o que a censura não lhe deixava escrever no "Homem Encadeado". O "Tigre" denunciou o movimento derrotista; pediu sancções penaes; apresentou o peito a todas as responsabilidades. Ainda uma vez encontrou do seu lado a opinião publica, aos olhos de quem appareceu como o chefe naturalmente designado para assumir a direcção da guerra.

Nobremente, o Sr. Poincaré, Presidente da Republica, chamou ao governo, a 16 de Novembro de 1917, o seu indomavel adversario da vespera. Clemenceau tomou a presidencia do Conselho, com a pasta da guerra, e disse ao Parlamento: — "Apresentamo-nos diante de vós, com o unico proposito de uma guerra integral. Basta de campanhas pacifistas; basta de intrigas allemãs; nem traição, nem meia traição: a guerra, nada mais que a guerra!"

Ainda assim, os partidarios da paz a todo preço não desanimaram. Quizeram arrastar Clemenceau á cilada de Stockolmo. O "Tigre" não cedeu; com a serena coragem de sua inabalavel vontade, pronunciou, diante da Camara, estas palavras: — "Minha politica estrangeira e minha politica interior confundem-se num só todo. Politica interior: faço a guerra. Politica exterior: faço a guerra. A infeliz Rumania é obrigada a capitular, eu continuo a fazer a guerra e hei de fazel-a até o fim do ultimo quarto d'hora".

Nenhum dia se passava sem que Clemenceau visitasse algum sector das linhas avançadas. Trocava idéas com os chefes e ouvia os officiaes; conversava risonhamente com os soldados nas trincheiras da primeira linha de frente; e assim, desprezando o perigo, dava o exemplo da resistencia e levava o conforto do seu bom humor sadio e são aos mais humildes combatentes, como aos de mais alto posto.

Após a offensiva allemã de Março de 1918, Clemenceau conseguiu instituir a unidade do commando em chefe. O Sr. Lloyd George e o General Douglas Haig não podiam mais deixar de reconhecer a necessidade de semelhante medida. O general Foch — que Clemenceau havia coberto com o seu escudo protector diante do Parlamento enfurecido por causa do victorioso assalto allemão que rompera a frente do Aisne — o general Foch — que, em Doullens, "fôra perfeito", segundo a expressão de Clemenceau — era o homem indicado para assegurar a unidade do commando. Foi nomeado generalissimo. Dizem que Clemenceau houvera preferido o general Petain e sabe-se que, depois da morte do Marechal Foch, surgiram polemicas sobre o modo como se procedeu á escolha do generalissimo. Não nos cabe tratar este delicado assumpto. Esperemos a proxima publicação do livro escripto por Clemenceau, nos ultimos mezes de sua vida.

Não obstante a designação do generalissimo, o Parlamento francez estava sobremodo inquieto com os successos do exercito allemão, reforçado pelas tropas vindas de Leste, depois da paz entre a Allemanha e a Russia. Clemenceau fala de novo na Camara: — "Tendes diante de vós — disse-lhe elle — um governo que jámais acceitará uma paz de humilhação. Derribae-nos ou conservae-nos; mas, enquanto estivermos aqui, a França ha de ser defendida a todo transe".

Felizmente, o presidente Wilson acudira ao appello de Clemenceau, Lloyd George e Orlando. Chegavam em França, por mez, trezentos mil soldados americanos. A 18 de Julho, Mangin vence os allemães em Villers-Cotterets. A 8 de Agosto, o generalissimo Foch ordena a contra-offensiva geral. Em Setembro, o exercito allemão bate em retirada. Em Outubro, Guilherme II pede a paz a Wilson. Mas Wilson tinha resolvido não tratar com o governo imperial: em 11 de Novembro, a Republica é proclamada na Allemanha; e os Allemães acceitam o armisticio.

O Senado francez havia votado, em 2 de Outubro, esta homenagem: — "Le citoyen Georges Clemenceau et le Maréchal Foch ont bien merité de la patrie".

Melhor, porém, é a homenagem affectuosa que o povo rende a Clemenceau, cognominando-o: *Le Père la Victoire*. Homenagem espontanea: brotou no seio das gerações contemporaneas do nobre ancião, entre as effusões da profunda gratidão, que elle soube, com os seus actos, accender na alma popular. Homenagem eterna... Com effeito, ha de germinar e florescer incessantemente no seio das gerações futuras, porque foi a pensar nellas, e não em si, que Clemenceau ergueu o glorioso monumento argamassado com os fructos da sua longa vida de lutas em prol dos mais bellos ideaes. Homenagem tocante: expressão do carinho filial com que a instinctiva rectidão da gente simples, dessa boa massa anonyma que constitue realmente o coração da Humanidade, acaba sempre por honrar os seus bemfeitores. Nessa homenagem, a França gravou, em dois traços indeleveis, a effigie definitiva daquelle dentre os seus filhos que foi para ella, num momento de suprema angustia, o *Pae e o Salvador*. Tal a imagem que surgiu em todas as mentes, ao espalhar-se em Paris a noticia do fallecimento de Clemenceau; e então, com que tristeza todos os labios repetiram: — "Morreu o Pae Victoria!" — E estas palavras me trazem á memoria a indescriptivel emoção — mescla de enthusiasmo patriotico e saudade cruciante dos mortos — com que, ha onze annos, a multidão parisiense acclamava o organizador da resistencia: — "Vive le Père la Victoire!"

Nos dias de Dezembro de 1918, em que Clemenceau, ao lado de Poincaré visitou a Alsacia e a Lorena reconquistadas, elle teria podido legitimamente, se mais forte que a consciencia do seu valor não lhe falasse sempre a sua sincera modestia, teria podido applicar á sua vida o que disse Alfredo de Vigny, ao definir em que consiste uma grande vida: — "Une pensée de la jeunesse, exécutée par l'age mur". Ao receber, com os olhos banhados de lagrimas as saudações de Metz e de Strasburgo, Clemenceau estava vendo, aos setenta e sete annos de idade, transformada em gloriosa realidade, a vehemente aspiração que nunca deixara de animar-lhe a alma, desde o tragico dia de 1871 em que puzera a sua assignatura no digno protesto dos Alsacianos e Lorenos contra a despotica annexação de duas provincias francezas ao Imperio allemão. Em 1918, Clemenceau assistia ao coroamento dos seus incansaveis esforços patrioticos.

Se na direcção da guerra Clemenceau fôra inflexivel, no estabelecimento das condições da paz o "Tigre" foi conciliante — conciliante em relação aos seus alliados — e justo, senão clemente, para com o inimigo. Sim, puderamos dizer clemente, se houveramos querido ter em vista que esse inimigo impuzera á França, ali mesmo em Versailles, as humilhantes preliminares da cruel paz de Francfort e a ceremonia affrontosa de 18 de Janeiro de 1871, na qual o Rei da Prussia constituiu o Imperio da Allemanha, fazendo-se coroar imperador no palacio de Luiz XIV. A que terriveis consequencias a logica rigorosa da victoria de 1918 teria podido levar Clemenceau, se elle houvesse pretendido servir-se desta victoria para que a França tirasse desforra completa dos ultrages que a Allemanha lhe fizera em 1871!... Clemenceau nada tinha, porém, de Bismarck. As guerras de conquista, propriamente ditas, Clemenceau as condemnava. Humilhar os povos, por esteril satisfação de orgulho, repugnava-lhe. A Allemanha não foi obrigada a indemnizar a França do tributo de guerra que esta pagara áquella immediatamente em 1871. O exercito francez não occupou Berlim em 1918, como teria podido fazel-o. A unidade do Imperio allemão foi respeitada, muito embora a logica rigorosa da victoria de 1918 indicasse que a obra de Bismarck devia ser completamente destruida, de tal sorte que os Estados germanicos voltassem a ter uma organização politica analoga, salvo o regime monarchico, áquella de que gozavam antes da coroação de Guilherme I em Versailles e que lhes fôra outorgada, sob o nome de Confederação germanica, pelo tratado de Vienna de 1815. Ainda mais, Clemenceau não quiz estimular, nem favorecer, nem mesmo tolerar os movimentos separatistas que se manifestaram espontaneamente nalguns Estados da Allemanha, sobretudo nos Estados Rhenanos, depois da victoria dos Alliados... E não se diga que Clemenceau se absteve de tentar semelhantes golpes politicos em virtude da opposição do Sr. Lloyd George ou do Presidente Wilson. Se Clemenceau houvesse *querido*, teria sido sustentado por um exercito formidavel e victorioso. Mas Clemenceau era prudente; era pacato; era hostil a qualquer iniciativa que desse á politica da França qualquer apparencia de imperialismo. Provas disto, não faltam. Clemenceau não attendeu ás solicitações dos que reivindicavam os direitos da França a ter o Rheno por fronteira oriental. Deixou que os allemães mantivessem a unidade do *Reich* e adoptassem a forma de Republica que entendessem. Só esta consideração bastaria para se poder affirmar que o triumpho não o embriagou e que na sua severidade houve clemencia. Em todo caso, elle foi justo.

Escolhido para presidir a Conferencia da paz, dirigiu os trabalhos com firmeza e equidade. Se o tratado de Versailles tem graves defeitos, talvez seja licito pretender que a responsabilidade dos maiores não cabe a Clemenceau. Nem a Wilson. Este, na Conferencia da Paz, foi o nobre idealista que só teve por objectivo offerecer ás nações uma organização *universal* que assegurasse o equilibrio capaz de resistir a qualquer força perturbadora da paz. Segundo a concepção de Wilson, a *universalidade* é a condição fundamental de qualquer organização entre os Estados destinada a manter a paz. E esta condição exclue a constituição de grupamentos entre nações, porque, mais cedo ou mais tarde, se taes grupamentos fossem admittidos mesmo no seio da organização universal, surgiriam entre elles rivalidades que inevitavelmente arrastariam o mundo ao restabelecimento do systema das antigas allianças, pelo menos defensivas. Eis porque Wilson não concordaria hoje com a idéa do paneuropeismo; e isto se póde asseverar, porque Wilson não teve outro fim, incorporando ao Pacto da Liga das Nações o artigo segundo o qual esta reconhece os accordos regionaes pacificos, senão diluir pouco a pouco o panamericanismo no universalismo da Sociedade das Nações, tal como esta fôra concebida pelo grande Presidente americano. Wilson teve, na Conferencia da Paz, o apoio de Clemenceau. Mas retomemos, em relação a este, o fio dos acontecimentos de 1919.

A 19 de Fevereiro, um individuo desequilibrado tentou assassinar Clemenceau, dando-lhe um tiro. Ferido, [illegible] alguns dias depois, Clemenceau voltou a presidir á Conferencia da Paz. A 7 de Maio, ás 3 horas da tarde, realizou-se a ceremonia da entrega do tratado de paz aos plenipotenciarios allemães. A allocução de [illegible] de quinze linhas — "sem palavras inuteis" — que Clemenceau dirigiu então aos plenipotenciarios, terminava assim: "Vós nos encontrareis solidos para vos secundar em vossa tarefa, mas esta segunda paz de Versailles nos custou muito cara para que não tenhamos o direito de exigir, por todos os meios em nosso poder, as legitimas satisfações que nos são devidas." A 28 de Junho, o tratado de Versailles foi assignado. Apresentando este tratado á ratificação do Parlamento (25 Set. 1919), Clemenceau teve uma frase bem melancolica: — "A paz nos deixa muitos fardos." A 10 de Janeiro de 1920, houve a troca das ratificações, presidida por Clemenceau, e o tratado de Versailles entrou em vigor.

A hora da ingratidão não tardou a chegar. Não a ingratidão do povo; mas a daquelles que a ficção democratica pretende sejam os representantes da nação. O Congresso ia reunir-se para proceder á eleição do presidente da Republica, pois terminava o septennio do Sr. Poincaré. Ninguem duvidava que Clemenceau seria eleito. A Camara manifestou-se, com enthusiasmo, pela candidatura de Paul Deschanel. O Congresso elegeu-o a 17 de Janeiro. Demissão do gabinete Clemenceau. O Gabinete Millerand assumiu o poder.

Como chefe da delegação franceza, Georges Clemenceau assistiu, pela ultima vez á reunião do Conselho Supremo, a 20 de Janeiro de 1920. Os plenipotenciarios alliados fizeram-lhe calorosa manifestação de sympathia e renderam-lhe a homenagem de uma moção de reconhecimento, "pela dignidade, imparcialidade e sagacidade, com que conduzira as deliberações". Ao discurso do Sr. Lloyd George, que havia tomado a iniciativa da manifestação, Clemenceau respondeu muito commovido. Mais de uma vez se tem citado a seguinte frase do discurso então pronunciado por Clemenceau: — "Se por desgraça, alguns elementos de discordia se introduzissem entre nós quão terrivel seria pensar que o melhor sangue do mundo civilizado fôra vertido em vão, por esperanças que se não haviam de realizar!"

O retiro e a morte

Clemenceau retirou-se á vida privada. Mas no seu retiro continuou a trabalhar, a trabalhar pela França, escrevendo livros dignos de enriquecer o glorioso patrimonio que ella vae legando de geração á geração. Em 1920, fez uma viagem á India. Lá, caçou tigres, mas estudou os costumes do paiz. Contam que um potentado indu' lhe perguntou qual seria a reforma social de que mais precisaria a India para o seu progresso; ao que Clemenceau respondeu: — a emancipação das mulheres. Depois, num momento de crise financeira na França, fez uma viagem aos Estados Unidos, para lá "dizer francamente quaes eram, a seu ver, os direitos e os deveres de cada povo na terrivel crise mundial suscitada pela guerra em que a mesma victoria havia feito todos os alliados responsaveis solidarios do futuro".

Nos ultimos annos, ora em Paris, na sua residencia da rua Franklin, ora em sua terra natal, á beira do Oceano, Clemenceau entregou-se inteiramente á meditação philosophica e á contemplação esthetica. A morte do Marechal Foch determinou publicações diversas que tiveram por effeito, sobre Clemenceau, cuja acção durante a guerra fôra nellas apreciada de modos diversos, arrancal-o das cogitações serenas em que se comprazia. Tomou febrilmente a penna para restabelecer a verdade acerca dos acontecimentos da época tragica.

A morte veio arrebatal-o a este labor sem tregua... Após dolorosa agonia, deu o ultimo suspiro a 1 hora e 45 minutos da manhã de 24 de Novembro. Conforme a sua ultima vontade, nenhuma cerimonia official devia ser feita em seu enterro. Nenhum cortejo. A familia assim fez. Na madrugada de 25, um automovel mortuario, seguido apenas por quatro automoveis onde iam os membros da familia e alguns amigos intimos, atravessava Paris, levando os restos mortaes de Clemenceau para a Vandeia. A sepultura de Clemenceau que o esperava, fôra cavada de conformidade com as suas indicações, havia mezes. Clemenceau está enterrado, ao lado da sepultura de seu pae, no pequeno bosque solitario de Colombier, propriedade de sua familia, perto de Mouchamps.

* * *

Quando comecei a escrever este artigo, julguei que o faria em poucas paginas de escripta a mão. Quem medita, porém, a vida de Clemenceau, não se póde furtar ao irresistivel desejo de seguil-a dia por dia. Tudo nella é empolgante. Analysal-a como conviria, tirar de cada um dos seus gestos os grandes ensinamentos que todos contêm, exigiria grosso volume. Fiz um esforço para concentrar a minha exposição. Teve, entretanto, que ser longa, sem conter mais que os pontos culminantes dessa grande existencia. Retracei-a, com immensas lacunas, tomando por fio a acção do patriota. Mas Clemenceau é uma figura muito complexa. Eis porque seria necessario juntar alguns traços ao perfil do estadista que as linhas precedentes deixaram, creio, transparecer. Tentemos apanhar esses traços.

Clemenceau, dizem, foi sobretudo o "Tigre", isto é, o homem politico agil e implacavel, á espreita dos adversarios para esmagal-os no primeiro momento opportuno. Destruir, eis em que consistiu o programma de Clemenceau. E foi por isso, accrescentam, que poude alcançar o seu grande titulo á veneração da França. Clemenceau fez a guerra com successo; e o successo, na guerra, que é senão destruir? Sophismas, respondo.

Certo, Clemenceau demoliu, mas demoliu, para construir. Examinando a acção do primeiro governo de Clemenceau, mostrei em que consistiu a sua obra de constructor, feita por entre as lavas do vulcão europeu. Clemenceau despertou então na França as energias capazes de lhe assegurarem a ordem no interior afim de que, no exterior, ella pudesse dizer: não acceito a vassalagem. O alvo de Clemenceau foi, durante toda a sua vida, reparar o desastre de 1871. E' admiravel a continuidade dos seus esforços nesse sentido. Assim, pois, estadista, Clemenceau o foi, em toda a extensão do termo: estadista liberal e constructor.

Liberal?... Clemenceau, o homem que fez a apologia da força e nunca hesitou em recorrer a ella contra os seus adversarios? Clemenceau tinha, da força, a noção positiva: a noção de Hobbes, systematizada por A. Comte. Que a força seja justa e a justiça forte, dizia elle, parodiando Pascal. Mas não é só isso. Clemenceau tinha quasi o fetichismo daquillo a que elle chamava os "imponderaveis". A força dos imponderaveis, elle a collocava acima de todos os modos da força material. E os imponderaveis não são mais que as forças moraes.

As armas de Clemenceau eram a penna e a tribuna, mesmo quando tinha as responsabilidades do governo. Só quando a ordem material era perturbada, elle se julgava com o direito de empregar a força material, como instrumento de garantia da liberdade. No mundo politico, não sei quantos homens hoje se encontram que possam apresentar-se como idealistas. Clemenceau tinha garbo nisto. O idealista é aquelle que conduz á politica segundo um rumo determinado e elevado. Não se navega sem rumo. O homem politico sem ideal não é estadista.

Os defeitos de Clemenceau? Sim, naturalmente os tinha, mas servia-se delles para reforçar as boas qualidades. O orgulho? Empregava-o para evitar os contagios impuros. A combatividade? Servira-lhe para desbravar o terreno onde queria semear. Foi por isto que ao cognome de "Tigre", dado a Clemenceau pelos politicos, o povo preferiu o de Pae: "*le Père la Victoire*". Clemenceau era um homem simples e bom, sob a apparencia de uma natureza rude. Timido, dahi as suas audacias.

Escriptor, foi profundo, original e brilhante. O seu estilo, caracteristico da sua individualidade, revela a independencia e a sinceridade. Jornalista, era acerado, mas sempre digno. Não sophismava. Não mentia. Não calumniava o adversario. A Jules Ferry, nunca negou, quando mais ardentes eram os ataques com que o assediava, patriotismo.

Clemenceau tinha meiguices que ninguem diria podessem existir naquelle peito rijo. Sua "querida Mamãe", ah! como é tocante esta palavra nos labios de um velho de oitenta e oito annos, desilludido dos homens!

Só este traço basta para illuminar docemente a physionomia austera de Clemenceau.

Na sua sepultura não ha epitaphio. Apenas se erige um baixo relevo, do esculptor Sicard: uma Minerva apoiada a um gladio com a ponta voltada para o solo, indicando o logar onde Clemenceau dorme. Foi elle quem escolheu esse symbolo. Clemenceau era um estheta. Tinha o culto da Grecia antiga. Mas como interpretar o gesto dessa Minerva? A deusa da Justiça está apontando para o homem que teve sempre por lemma: "A Justiça"? Talvez. Mas prefiro outra interpretação.

Quaesquer que sejam as opiniões sobre o valor de Clemenceau, duvido que haja alguem, mesmo entre aquelles que menos sympathisem com elle, capaz de negar que elle tivesse sido um homem, o typo do homem, com grandes qualidades e não isento de defeitos. Diogenes não precisaria hoje accender a lanterna para ir procurar um homem, se visitasse o solitario bosque de Colombier e olhasse para o gladio da Minerva que lá se acha. A ponta desse gladio mostra onde está aquelle que podia, como Terencio e mais verdadeiramente que muitos grandes homens, dizer: — *Homo sum*.

E. Montarroyos.

GAZETILHA

OS NOVOS COMPROMISSOS

A grande manifestação feita pelo povo carioca aos candidatos liberaes deu uma força nova á Alliança, foi como que a garantia de que, se não houver fraude e compressão, a eleição dos Srs. Getulio Vargas e João Pessoa é cada vez mais provavel.

Os chefes da Alliança Liberal e seus candidatos devem estar satisfeitos. Foi uma demonstração sem precedentes na nossa historia.

Todos os brasileiros conscientes querem substituir a politica alimentar pela politica representativa, a politica de *vendetta* e de compressão pela politica de *fair play* e de opinião livre; querem eliminar o caciquismo e restabelecer, na pratica, as normas liberaes inscriptas na Constituição e querem, emfim, restaurar o regime representativo deturpado pelas usurpações successivas dos politicos.

Por isso, quando os governos estadoaes de tendencias liberaes, sob a direcção e inspirado pelo eminente Sr. Antonio Carlos, convergiram para a escolha do Sr. Getulio Vargas para candidato á presidencia, todos nós vimos nessa indicação não só uma justa homenagem ao joven estadista e ao Rio Grande do Sul, que em quarenta annos de Republica ainda não tivera um politico seu na presidencia da Republica, como tambem a encarnação dos protestos dos brasileiros patriotas contra a politiquice dos interesses subalternos e do incondicionalismo de conveniencias e de negocios. O pensamento das "élites" do Brasil e o sentimento popular querem a reforma dos costumes politicos e partidarios, para podermos ter uma politica digna de nós mesmos. A manifestação do povo do Rio de Janeiro foi uma homenagem aos candidatos liberaes, aos rio-grandenses unidos em torno de uma causa nacional, e sobretudo uma prova de que os brasileiros querem a substituição da politica alimentar pela politica representativa.

O povo brasileiro mostrou ante-hontem, pela sua representação no Rio, que vae votar nos candidatos liberaes e que só a fraude e a compressão podem annullar o resultado legitimo do pleito.

Recebendo a consagração de ante-hontem, o Sr. Getulio Vargas deveria ter comprehendido que as suas responsabilidades augmentaram. O povo, longe da subtileza de certos machiavelismos de ante-camaras, vê com simplicidade as duas correntes, distinctas, verdadeiras e incompativeis pelas suas doutrinas e interesses: — a reaccionaria e a liberal.

Os que pela sua posição encarnam a corrente liberal receberam do povo uma prova de confiança, um mandato excepcional.

Por isso todos os chefes do movimento de protesto contra as candidaturas officiaes devem comprehender que não poderão jámais faltar a essa honrosa confiança e que devem lutar, dentro da ordem e das regras estabelecidas pela Constituição, para a victoria dos grandes principios.

O povo do Rio de Janeiro, expressão do Brasil inteiro, deu a prova de sua fé nesses grandes principios.

Tudo o mais é, de facto, secundario. Os que procuram fazer sobresahir pontos do programma liberal referentes ao progresso material trahem á causa se não se referem aos outros.

Certo, devemos tratar dos interesses economicos, da construcção economica, do augmento da riqueza nacional. Mas tudo isso depende tambem do regime representativo.

A prova está nas crises economicas que estamos atravessando.

Se não houvesse a usurpação do Executivo, annullando a autonomia de todos os outros poderes, poderia ter havido a dictadura na politica do café que criou para a lavoura a sua crise mais séria e mais penosa? Por certo que não. Se não houvesse a hypertrophia do Executivo, a reforma monetaria com a taxa vil teria sido possivel, e teria levado o Brasil a esta situação depressiva de não ter cambio ha mais de um mez? Por certo que não.

Por isso, nada de disfarces de preoccupações economicas e commerciaes para abandonar os problemas politicos, partidarios e eleitoraes.

Para tratar justamente do engrandecimento economico do paiz, é que precisamos de uma politica liberal, capaz de restaurar as normas e o espirito da Constituição. O povo do Rio de Janeiro fez ao Sr. Presidente do Rio Grande do Sul a manifestação triumphal de ante-hontem, porque acredita que S. Ex. saberá honrar o seu mandato de candidato, de "leader" ou de Presidente, cuidando, antes de tudo, das grandes e primordiaes reivindicações da opinião liberal. Os compromissos dos homens politicos acclamados ante-hontem reforçaram-se com a propria demonstração de solidariedade que receberam. E serão, por certo, dignos desses novos compromissos para com a opinião brasileira.

CONGRESSO NACIONAL

O ENCERRAMENTO DO CONGRESSO

Realizou-se hontem, no edificio do Senado, a sessão de encerramento da actual legislatura do Congresso Nacional.

A Mesa ficou constituida pelos Srs. A. Azeredo, presidente do Congresso, servindo de Secretario, os Srs. Mendonça Martins, Baptista Bittencourt, Pereira Lobo e Braz do Amaral.

O recinto estava completamente cheio, vendo-se nas respectivas bancadas innumeros Senadores e Deputados, bem assim nas tribunas lateraes, repletas de pessoas gradas.

Aberta a sessão, o Presidente do Congresso procedeu á leitura da resenha dos trabalhos do corrente anno, enumerando as principaes materias de que se occupou o Congresso.

Antes, porém, prestou uma homenagem aos Congressistas que desappareceram assignalando as perdas soffridas pelo Poder Legislativo, no decorrer da sessão, do numero dos vivos os Senadores Costa Rodrigues, Joaquim Moreira, Adolpho Gordo, Rosa e Silva e Olegario Pinto, e os Deputados Ubaldino de Assis e Souza Filho, cada qual mais cheio de serviços ás instituições, cada qual credor da gratidão do paiz, pelos grandes e relevantes serviços prestados.

Alludiu depois, á marcha dos orçamentos no Congresso Nacional; ao serviço a cargo da Secretaria; aos trabalhos desempenhados pelas Commissões Permanentes, citando o numero de projectos apresentados, das proposições remettidas pelas Camaras e o numero das mensagens e dos officios recebidos e expedidos para demonstrar quanto foi trabalhosa a legislatura que findava.

Citou depois as homenagens que o Senado prestou á memoria de illustres brasileiros desapparecidos, fazendo inserir nas actas dos seus trabalhos, como um preito de grande saudade, de reconhecimento aos inestimaveis serviços prestados á Nação e á humanidade por aquelles que desappareceram, votos de pesar por taes acontecimentos.

Depois de enumerar as principaes occorrencias da sessão que terminava, disse que por ellas se poderá aquilatar que o Congresso trabalhou sempre inspirado no bem publico, com o zelo patriotico de sempre, dotando o Governo de elementos necessarios a poder exercer o seu mandato, servindo ás instituições.

Terminando, disse o Presidente do Congresso Nacional:

"Ao separarmo-nos neste momento, congratulo-me comvosco, formulando os mais sinceros votos de felicidade para que todos possamos nos encontrar aqui de novo, procurando servir á nossa querida patria com o mais elevado patriotismo e sem as preoccupações subalternas e apaixonadas que nos possam desviar do rumo seguro da ordem do progresso.

Em um paiz novo como o nosso, cheio de riquezas inexploradas, em que os braços não muito bem aproveitados, e a experiencia não é exercida devidamente, porque vivemos a demolir as intelligencias e actividades que apparecem em todos os ramos da vida publica, estabelecendo-se a confusão em beneficio dos mais habeis e mais ousados que dominam os timidos, embora muitas vezes mais capazes — os homens de boa vontade, principalmente os moços de talento e aspirações elevadas, devem reunir-se em torno dos ideas e desfraldar a bandeira da paz e da ordem, em nome do direito, da justiça e do apaziguamento da nossa querida terra.

Suffoquemos os nossos odios e paixões as nossas ambições, ainda as mais nobres e mais justas, para bem servirmos o nosso glorioso paiz, que tanto amamos, confundindo os nossos ideaes e os nossos sentimentos patrioticos, na confraternização da Familia Brasileira.

Srs. Membros do Congresso Nacional: trabalhemos todos unidos e sem distinção pela paz e pela grandeza do povo brasileiro, e assim Deus nos ajude.

As ultimas palavras proferidas pelo Presidente do Congresso foram abafadas por prolongada salva de palmas.

Na forma do estilo, prestou as continencias da ordenança ao Poder Legislativo, um batalhão do 3º Regimento de Infanteria.

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

A' hora regimental, assume a presidencia o Sr. Oliveira Penna, 2º Secretario, occupando as cadeiras de 1º e 2º secretarios, respectivamente, os Srs. Mendes Antas, supplente, e Paschoal Spino, a convite do Sr. Presidente.

Procedida a chamada, verifica-se a presença de mais os Srs. Acurcio Torres, Aridio Martins, Benedicto Peixoto, Elias Grego, Jayme de Barros, João Norberto, Mario Alves, Mario Ramos e Nelson Kemp.

Não havendo expediente a ser lido e constatada a falta de numero para a abertura da sessão, o Sr. Presidente designou para amanhã, 2 do corrente, a seguinte ordem do dia: votação em 2ª discussão dos projectos ns. 47 e 75, de 1929, respectivamente, autorizando o Poder Executivo a regulamentar o serviço de caça e o de pesca, com emendas; e alterando varios dispositivos da organização judiciaria, com emendas; 2ª discussão dos projectos ns. 31 e 68, de 1929, respectivamente, concedendo vantagens aos funccionarios que não tenham gozado licença durante os periodos de 10 e 20 annos, com substitutivo da Commissão de Justiça; e autorizando o Governo a doar á sociedade civil denominada "Club Central", com séde em Nictheroy, a área de terreno que julgar conveniente, com substitutivo das Commissões de Justiça e de Finanças. Continuação da 2ª discussão do projecto n. 46, de 1929, autorizando o Governo a rever as tabelas do imposto de estatistica de exportação, com substitutivo; 3ª discussão do projecto n. 28, de 1929, revigorando a lei n. 2.307, de 1929.

DECRETOS ASSIGNADOS

O Sr. Dr. Washington Luis Presidente da Republica assignou hontem os seguintes decretos:

NA PASTA DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Faz publico o deposito da ratificação por parte da Republica de Guatemala, da Convenção de Direito Internacional privado, de Havana.

Promulgando tres actos sobre propriedade industrial, revistos na Haya em Novembro de 1925.

NA PASTA DA VIAÇÃO

Abrindo os creditos especiaes de ...... 42:720$000, para pagamento de um terreno occupado pela Rêde de Viação Cearense; e 1.000:000$000, papel, para attender ao pagamento das obras de melhoramentos projectados entre o Mercado de Ouro e a Jequitaia, no porto da Bahia.

NA PASTA DA MARINHA

Approvando o regulamento para execução da lei numero 5.644, de 7 de Janeiro de 1929, que torna extensivo ao pessoal da Aviação Naval e dos Submarinos, as gratificações estabelecidas para a Aviação Militar pelas leis em vigor.

NA PASTA DA AGRICULTURA

Exonerando, a pedido, Oscar Simões Magro, do fiscal das Caixas de Aposentadorias e Pensões dos Ferroviarios; e nomeando para o referido cargo José Honorato do Monte;

Nomeando o contra-mestre de officina de beneficiamento mecanico da madeira da secção de trabalho de madeira da Escola de Aprendizes Artifices de Pernambuco, Gumercindo Diniz da Silva para o cargo de mestre de officina da referida secção;

Exonerando Luiz Lucas Filho, do cargo de ajudante de secção climatologica de terceira classe, da Directoria de Meteorologia; Claudio Vincent, do cargo de Inspector de leite e derivados, do Serviço de Industria Pastoril nos Estados do Paraná e Santa Catharina, por ter sido nomeado para outro cargo;

Declarando sem effeito a transferencia do auxiliar de segunda classe do Posto de Assistencia Veterinaria de Campos no Estado do Rio, Sylvio Fortes Soares Pereira para identico cargo no Posto de Juiz de Fóra, em Minas Geraes;

Concedendo seis mezes de licença para tratamento de saude ao guarda vigilante do curso complementar annexo ao Posto Zootechnico de Pinheiro, Euclides Cruz.

1928

O ENCERRAMENTO DO EXERCICIO FINANCEIRO — DIVERSAS NOTICIAS

O Tribunal de Contas reunido hontem, julgou cerca de 950 processos tendo funccionado em sessão até cerca de 20 horas.

Entre muitos outros, foram registrados os creditos de 2.361:000$ para pagamento de vencimentos ao pessoal jornaleiro da Estrada de Ferro Central do Brasil e de 15:640$000, para pagamento de vencimentos ao pessoal da Inspectoria de Aguas e Esgotos e Repartição Geral dos Telegraphos.

O Sr. Dr. Carlos Naylor Junior, director de Contabilidade do Ministerio da Fazenda, constituiu, para o balanço do hontem pela terminação do exercicio, as seguintes commissões:

Para a thesouraria geral — Sub-Director Antenor Augusto Corrêa, 3º escripturario Eugenio Borel Bandeira e 2º Marcionillo Cunha.

1ª pagadoria — 1º escripturario João Hamilton Filho, 3º Jeronymo Medeiros da Rocha e 4º José Mariano Nunes Coelho.

2ª Pagadoria — Sub-Director Dr. Gustavo Guimarães, 1º Adalberto Côrtes e guarda-livros Eucrydes de Araujo Lima.

— O Sr. Director da Recebedoria do Districto Federal designou as seguintes commissões para darem balanço nos valores a cargo das seguintes repartições: thesouraria geral da Recebedoria, sob a presidencia do Sub-Director da 1ª Sub-Directoria Octavio de Souza e Silva, 1º escripturario Manoel Azevedo da Silveira Netto, 2º Genaro de Castro e 3º Victorino Silva.

Superintendencia da Venda Externa do Sello Adhesivo, sob a presidencia do Sub-Director da 2ª Sub-Directoria João da Cruz Ribeiro: 2º escripturario Rodolpho Lopes dos Santos, e terceiros Erasmo José dos Santos e Castor Carneiro Freitas Gama.

Thesouraria dos Cofres dos Depositos Publicos — 1º escripturario Clarimundo Tiburcio da Veiga e 3º Whldemar Pessoa da Costa, sob a fiscalização do ajudante de director.

AS FUTURAS PROMOÇÕES NO EXERCITO

AS PROPOSTAS HONTEM APRESENTADAS

Sob a presidencia do Sr. General Alexandre Leal, chefe do Estado Maior do Exercito, reuniu-se hontem a Commissão de Promoções do Exercito, tendo sido apresentadas as seguintes propostas de promoções:

Na arma de infantaria — Existem 2 vagas de coronel, que competem ao principio de merecimento e, como só ha um interstício legal completado a 15 do corrente, o tenente-coronel Alpio Virgilio di Primio, que não satisfaz as exigencias do art. 6º, da lei n. 5.633, de 31 de Dezembro de 1928, a Commissão resolveu indicar o nome desse official para preencher uma dessas vagas, pelo principio de antiguidade, tendo em vista o disposto no art. 1º do Decreto n. 404, de 27 de Junho de 1891.

A vaga de tenente-coronel decorrente da promoção acima, compete ao principio de merecimento, apresentando a Commissão a seguinte lista:

Major Aristarcho Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Miguel de Castro Ayres e Alberto Porto Alegre. Os dois primeiros vêm da lista anterior.

A vaga de major resultante compete, por antiguidade, ao capitão Henrique Pereira; e a do capitão decorrente, compete ao 1º tenente Alexandre José Gomes da Silva Chaves.

A Commissão deixou de propor o preenchimento da vaga de 1º tenente resultante, por não haver 2º tenente com interstício legal.

Na arma de cavallaria — Com o fallecimento do tenente-coronel Miguel Paulo Domingues de Castro, occorrido a 12 do corrente, abriu-se uma vaga desse posto que compete ao principio de merecimento, apresentando a commissão a seguinte lista:

Majores Renato da Veiga Abreu e José Bonifacio de Souza Pinto. O primeiro vem da lista anterior.

A presente lista vae incompleta por serem esses dois officiaes os unicos que satisfazem o artigo 6º da lei n. 5.632, já citada, e que na época em que foi realizado o 1º escrutinio possuiam o interstício legal.

A vaga de major decorrente compete, por antiguidade, ao capitão Luiz Delmont; e a do capitão, ao 1º tenente Nelson Palmeiro Dias. Deixou a Commissão de propor o preenchimento da vaga de 1º tenente resultante, por não haver 2º tenente com interstício legal.

Na arma de artilharia — A vaga de coronel aberta com a passagem para a reserva da 1ª classe do Coronel Americo Dias Novaes, por decreto de 19 do corrente, compete ao principio de merecimento, apresentando a Commissão a seguinte lista:

Tenentes Coroneis Marcolino Fagundes e Brazilio Taborda. Ambos entraram na presente lista.

A lista vai incompleta por serem esses os unicos tenentes coroneis que, possuindo interstício, satisfazem as exigencias do artigo 6º da lei n. 5.632, de 31 de Dezembro de 1928.

A vaga de tenente coronel decorrente da promoção acima, compete, por antiguidade, ao major Otto Guttierres Simas; e a de major resultante, compete ao principio de merecimento, apresentando a commissão a seguinte lista:

Capitães Alvaro Ribeiro Saldanha, Argemiro Dornellas e Dario de Castro Pinheiro Bittencourt. Os dois primeiros vêm da lista anterior.

Para a vaga de capitão decorrente desta promoção, a Commissão propoz o 1º tenente Sylvio de Almeida, deixando de preencher a vaga de 1º tenente resultante por não haver 2º tenente com interstício legal.

No corpo de saude — Dentistas — Com a passagem para a reserva de 1ª classe, por decreto de 28 do corrente, do 1º tenente Angelo Barta, abriu-se uma vaga desse posto que compete ao 2º tenente Alvaro Neves da Costa.